

Favela acaba aos poucos

Foi a melhor solução encontrada por Adolfo Lopes

FOTOS: ADAUTO CRUZ



A remoção das famílias da 110 Norte prossegue dentro do cronograma do GDF

Magalhães diz que mantém prazo

“Não haverá qualquer alteração no prazo previsto para a remoção da favela da 110 Norte”. A afirmação é do secretário de Viação e Obras, Carlos Magalhães, e foi feita ontem à noite após o encerramento do segundo dia da operação Brasilinha. “Vamos tirar tudo, apoiados numa decisão da Justiça”, informou.

Carlos Magalhães também fez um alerta aos moradores que ainda se mostram relutantes: “Só vamos oferecer transporte até domingo”. Segundo o secretário, neste final de semana, a SVO estará empenhada no trabalho de remoção voluntária, devendo, inclusive, aumentar o efetivo de homens e transporte para que a operação pos-

sa ser concluída até domingo.

Esta posição firme de Carlos Magalhães de certa forma já havia sido antecipada pelo próprio secretário de Serviços Sociais, Adolfo Lopes, à tarde, quando esteve em Brasilinha para acompanhar o desenrolar dos trabalhos de assentamento. “Concluída a etapa de Brasilinha, restará aos moradores que permanecerem na 110 as alternativas de Padre Bernardo e Girassol. De minha parte, dia 15, darei o trabalho de remoção por concluído, para que a área seja entregue completamente limpa”.

Para Adolfo Lopes, a partir daí, o seu compromisso será com as famílias que estão sendo assentadas em Brasilinha, ra-

zão do esforço empreendido até aqui. Na vistoria realizada ontem à tarde o secretário pôde constatar a necessidade de aumentar o efetivo de homens envolvidos na construção dos barracos, mas também ouviu boas notícias do prefeito Adhemar Alves.

A principal dessas novidades foi o anúncio de que, em virtude do novo assentamento e também atendendo a uma antiga reivindicação dos moradores da área, a empresa Santo Antônio deverá instalar no local um terminal de ônibus. Adolfo Lopes também foi informado que as negociações com o Ministério do Desenvolvimento Urbano, para a liberação de verbas que viabilizem a construção de casas, estão sendo conduzidas, satisfatoriamente, pelo prefeito.

Além das boas novas, as 46 famílias que já se encontravam ontem em Brasilinha também receberam uma manifestação de solidariedade do presidente do Conselho Comunitário do município, Antônio Alves Filho. Para Tonico, como prefere ser chamado o presidente do Conselho Comunitário, a chegada de 153 famílias em Brasilinha não representa um problema. “Representa, isto sim, um caminho de aproximação com o Distrito Federal e, se não quisermos olhar por este aspecto, apenas as benfeitorias que acompanham este trabalho de remoção já seriam motivo de satisfação”.



As crianças esperam pelo menos uma nova vida

A primeira família a se mudar ontem foi a de Cleyton Nascimento que levou a mulher Valdine, enquanto que os dois filhos do casal eram postos em um microônibus que os levou juntamente com outras crianças para o Cebem. Os tumultos que envolvem a remoção ficam muitas vezes por conta das próprias famílias. Houve caso de haver cancelamento pela mulher no pedido de remoção feita. Quando o marido aparecia o pedido era confirmado.

Há uma “fila de espera” de pessoas que não se cadastraram a tempo e agora querem deixar a favela. Até motivos religiosos estão sendo invocados pelas pessoas para antecipar o transporte da mudança. É o caso de Maria Aparecida Soares Santos, mãe de seis filhos e que não tem companheiro. Está com sua mudança marcada para amanhã, mas procurou um dos assessores do secretário Adolfo Lopes pedindo para se mudar hoje. Alega ser adventista, não podendo, assim, “trabalhar aos sábados”.

Vítima de mal-entendido, o vigia João Luiz de Lima teve seus móveis levados para Brasilinha contra sua vontade. Ele ocupava barraco com três divisões, jutamente com a mulher Sandra e o filho do casal, de 1 ano. Nos cômodos vizinhos à direita e à esquerda, moravam o cunhado Raimundo Santos Bauer e o irmão Luiz Carlos. Raimundo e Luiz Carlos decidiram-se mudar. João Luiz queria ficar. Contudo, Sandra não soube se explicar e acabou deixando carregar seus pertences. Embora as três famílias morassem num só barraco da 110, a vontade de João Luiz era receber um lote só para ele.

A mudança para Brasilinha foi feita em clima de festa pelas irmãs Selma e Marise Alves Bezerra, a Quinininha. Era aniversário de Quinininha e Selma lembrou a coincidência de as duas terem invadido no dia de seu aniversário, em 9 de fevereiro. Até momentos antes de o caminhão encostar à porta de seu barraco, Selma estava em dúvida sobre se iria, diante dos comentários de Maria Neusa Honório de Jesus, mulher do catedor de papel Expedito Souza da Silva. Maria Neusa é uma das que colaboram com a vice da Associação no trabalho de sabotagem à remoção. Espalhou o boato de que quem for para Brasilinha terá de trabalhar de graça para a Fundação Maria do Barro.

SOFRIMENTO

A alegria de Selma e Quinininha que festejavam o aniversário da última nos escombros do barraco — já demolido pelos garis e jogado no caminhão — convidando as amigas para que “entrassem em sua casa” foi interrompida pela tragédia de Valdivina Pereira Lacerda. Aos prantos, com gritos histéricos, pedia que a ajudassem pois sua filha Jacqueline, de 1 ano, estava morrendo. Em desespero, com a criança raquítica, aspecto de anêmica e aparentando apenas meses de vida, Valdivina pediu “que Jesus a levasse pelo motorista Mário Alves dos Reis, responsável pela ambulância placa FD-2979, da Secretaria de Saúde, da favela, desde cedo para eventuais socorros. Mário só foi encontrado quando a criança já havia sido posta na RR 536, também em uma das birecas que funciona clandestinamente na favela. Um grupo de moradores pensou em destruir a ambulância, obstruir a equipe de serviço, obstruir reforço policial, que só chegou quando o grupo estava disperso”.